

Miguel
Nicolelis

NADA
MAIS
SERÁ
COMO
ANTES

romance

Uma ameaça sem precedentes, uma rede de
conspiradores poderosos e dispostos a tudo...
e apenas uma neurocientista e um matemático
podem salvar a humanidade.



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Miguel
Nicolelis

NADA
MAIS
SERÁ
COMO
ANTES

romance

Uma ameaça sem precedentes, uma rede de
conspiradores poderosos e dispostos a tudo...
e apenas uma neurocientista e um matemático
podem salvar a humanidade

Copyright © Miguel Nicolelis, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Guilherme Kroll

Revisão: Marina Castro e Caroline Silva

Diagramação e projeto gráfico: Matheus Nagao

Capa: Fabio Oliveira

Imagens de capa: Science History Images / Alamy / Fotoarena; Daniel Dowdy / Shutterstock e brockmarques / Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nicolelis, Miguel

Nada mais será como antes / Miguel Nicolelis. - São Paulo :
Planeta do Brasil, 2024.

512 p.

ISBN 978-85-422-2753-6

1. Ficção brasileira 2. Ficção científica I. Título

24-3299

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira
2. Ficção científica



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

CAPÍTULO 1

UM DOS OVERLORDS ABRE SUA MENTE. LITERALMENTE!

Basileia, Suíça – sexta-feira,
1º de fevereiro de 2036 – dezoito
horas antes do impacto

Sem nenhuma sombra de dúvida, tudo aquilo que o doutor Christian Abraham Banker Terceiro, Ph.D. em economia e ex-professor da Escola Áquea de Business da Universidade da Duquesa, em Persépolis, Carolina do Norte, mais apreciava no seu elegante e ultramoderno escritório suíço era a sua janela de vidro fumê temperado de quatro metros de altura por vinte metros de extensão.

Para ele, ela representava o suprassumo da estética bancária.

Desde a sua ocupação do luxuoso escritório do diretor-geral do Banco para Acordos e Rapina Internacional, o BARI, apenas uma das múltiplas mordomias associadas ao seu cargo, um dos de maior prestígio do mercado financeiro mundial, além de um salário de oito dígitos (não incluindo bônus anual, reembolso total para despesas de viagem, cartões de crédito, um BMW de luxo, residência grátis e assinatura anual da melhor casa de massagens de toda a Suíça), os olhos azuis do novo executivo-chefe daquela instituição sempre achavam tempo para contemplar a ampla vista oferecida por aquele

verdadeiro Grand Canyon de vidro, localizado na face norte do vigésimo quinto andar do edifício. Durante esses frequentes episódios de voyeurismo peculiar e incomum, mesmo que para um banqueiro mais do que comum, a principal atração que rotineiramente enfeitiçava as retinas e a mente do nosso Dr. Banker Terceiro era a sua visão panorâmica da estação de trem da cidade da Basileia.

Sim, você leu corretamente: a estação de trem.

Nunca na sua progressa e extremamente pedestre carreira acadêmica, transcorrida sem qualquer destaque ou trepidação na maior universidade de toda Persépolis, Carolina do Norte, Dr. Banker Terceiro poderia ter sequer imaginado que, após ascender ao topo do Everest financeiro internacional, passaria boa parte do seus dias contemplando detalhes ínfimos dos mesmos trilhos, dos mesmos trens, das mesmas plataformas cheias de suíços idosos com os mesmos rostos amorfos e semimortos, e do mesmo relógio da estação que, segundo ele, mais de cento e vinte e cinco anos atrás teria inspirado um jovem alemão, funcionário do escritório de patentes da cidade, um certo Albert Einstein, a propor a teoria da relatividade especial. Não que o nosso prezado banqueiro compreendesse uma sílaba da referida teoria. Afora esse pequeno detalhe, tudo relacionado a ela, e principalmente o fato de que ela teria se originado da observação rotineira do relógio da estação de trem, lhe parecia extraordinário.

Aquilo era demais, mesmo para um banqueiro da estatura, acume e reconhecimento mundial do nosso prezado Dr. Banker Terceiro, como ele apreciava ser chamado por amigos, empregados e colegas de profissão.

Sem sombra de dúvida, ele estava no topo do mundo! Membro da décima quinta geração da família Banker no Novo Mundo, nascido e criado na grande Persépolis, no condado Pêssego, nada mais do que um aluno medíocre por toda a vida, concebido e parido numa tradicional família de agiotas evangélicos, e ele estava sentado neste exato momento na sua mais do que confortável cadeira flutuante à base de supercondução, de uso exclusivo do CEO do BARI, bem no centro geográfico do seu escritório de quinhentos

metros quadrados, no topo da catedral do reino financeiro: o arranha-céu redondo, de vinte e cinco andares, ereto em puro vidro e aço no centro da Basileia para servir como quartel-general do BARI. Também conhecido pela elite do mundo financeiro como a maior lavanderia monetária automática do globo, aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana, para toda sorte de transações; servindo a todos os Bancos Centrais do planeta e também alguns outros clientes um pouco mais obscuros, atuando na fronteira da lei, ou à margem dela.

Graças a uma mais do que apropriada (de acordo com sua mãe), improvável (na visão da sua professora primária), estranha (na opinião sincera de uma das suas amantes) e completamente bizarra (para toda a mídia especializada e agentes do mercado financeiro) sequência de eventos, Dr. Banker Terceiro tinha, em apenas dois anos, ascendido meteoricamente da sua posição de chefe obscuro e quase robótico do Departamento de Neuromarketing da Universidade da Duquesa – a maior em toda Persépolis, Carolina do Norte, é importante ressaltar – para se tornar, no que ficou conhecida como a maior viagem de montanha-russa que o mundo financeiro já testemunhou, primeiramente o ministro da Fazenda do último influenciador do YouTube a ser eleito presidente dos Estados Unidos. Meros dois anos depois, logo após uma troca de sopapos com seu protetor no Salão Oval da Casa Branca, e da morte repentina do ocupante de outra cadeira de prestígio, ele foi subitamente promovido ao cargo deixado vago pelo falecido *chairman* do U.S. Federal Reserve, o famoso FED. Se esta promoção feita na base da catapulta do acaso não fora suficiente, o destino quis que Dr. Banker Terceiro se beneficiasse novamente, meros oito anos depois, do terceiro impeachment de um outro presidente americano. Em meio à turbulência criada no mundo financeiro americano, Dr. Banker Terceiro recebeu um telefonema de um agente governamental suíço não identificado que lhe ofereceu a chefia do BARI, sem que nenhuma pergunta embaraçosa fosse feita.

Depois de refletir por cerca de dez milissegundos se uma eventual mudança para a gélida cidade da Basileia para dedicar o resto da sua carreira – afinal, ele ainda era um jovem de cinquenta e quatro anos – seria apropriada e rentável, ele inquiriu seu interlocutor sobre quais seriam

suas principais atribuições nesse novo posto. A resposta foi direta: estaria encarregado de cumprir todas as principais tarefas extremamente especializadas e desgastantes que todo diretor-geral do BARI tem que realizar, incluindo participar, a cada dois meses, de um banquete dominical com os presidentes dos principais Bancos Centrais do mundo para decidir o futuro – minuto a minuto, incluindo todas as decisões de vida ou morte, e outras menos importantes e mais pessoais – de aproximadamente nove bilhões de pessoas que nunca tiveram ou terão a menor ideia da existência ou da missão do BARI. Os mesmos nove bilhões que não têm a menor ideia de quem sejam os membros do banco, nem o seu diretor-geral, ou como todo esse mundaréu de desconhecidos conseguiu poder suficiente para escravizar todo um planeta, enquanto degusta dos melhores vinhos, queijos e chocolates suíços, totalmente de graça.

Tendo se achado numa verdadeira encruzilhada da vida, Dr. Banker Terceiro fez aquilo que qualquer americano patriota, apaixonado e devoto para com a sua pátria faria num momento de profunda instabilidade econômica e política das recém-criadas Repúblicas Desunidas da América, a federação mais do que frouxa que agora reunia os cinco novos países nos quais os Estados Unidos da América se dividiram depois do crash de 2029: ele imediatamente aceitou a proposta dos suíços.

E sem muito atraso ou lágrimas de crocodilo, se mudou para a Basileia, Suíça, e abriu uma conta-corrente, apenas alguns minutos depois da sua chegada a Genebra. E caso alguém ouse pensar que essa foi uma tarefa insignificante, seria importante saber que, com a concretização dessa transação bancária, Dr. Banker Terceiro se tornou o primeiro cidadão americano a conseguir realizar tal proeza hercúlea, em apenas um dia, depois de mais de um quarto de século. Afinal, desde meados dos anos 2000, os bancos suíços passaram a se recusar, de forma inflexível, a abrir contas para cidadãos americanos em retaliação às multas de alguns bilhões de dólares impostadas pelo Departamento de Justiça Americano, dado que alguns desses bancos foram considerados como cúmplices nos esquemas de evasão de divisas perpetrados de forma disseminada por um punhado de americanos abastados.

Mas fujo da narrativa principal. Mil perdões.

Mesmo antes que ele soubesse que lhe seria facultado o privilégio de observar o grande relógio da estação de trem da Basileia, quando lhe bem conviesse, a qualquer minuto do dia, enquanto se empenhava ao máximo – ou perto disso – entre todos aqueles banquetes regados a vinho, queijo (*raclette* se tornou o seu favorito) e chocolate (somente *éclairs au chocolat*, por favor) para garantir o bem-estar de toda a humanidade, Dr. Banker Terceiro defendia arraigadamente a tese de que, enquanto todos pagassem seus impostos, seus financiamentos, seus empréstimos para comprar carro, seus boletos para pagar a faculdade, seus seguros residenciais e de saúde e suas previdências privadas e continuassem absolutamente calados, no meio deste processo infundável de saldar dívidas, mal e porcamente sobrevivendo com seus salários mínimos e se dirigindo aos shopping centers para gastar tudo que ganhavam, num universo de coisas que eles certamente nunca precisariam, tudo continuaria a transcorrer às mil maravilhas no planeta Terra.

Veja bem, Dr. Christian Abraham Banker Terceiro – não o Segundo, porque este seria o seu pai, um banqueiro igualmente medíocre, diga-se – era um legítimo membro da Igreja dos Mercados; um fervoroso adorador do Deus Dinheiro e um seguidor rígido da Fé da Ambição Sem Limite. Se isso não constituísse uma dose suficiente de fanatismo religioso para um único indivíduo, em seus últimos anos de vida acadêmica, o nosso Dr. Banker Terceiro também havia se tornado um adepto obsessivo-compulsivo do Culto da Máquina, uma seita que tinha crescido de forma exponencial desde seus humildes primeiros passos na Idade Média, na Europa Ocidental. Atualmente, esse culto pregava o credo da total substituição do trabalho humano, de todo processo de decisão da sociedade e todo pensamento crítico independente por poderosas redes de computadores quânticos, rodando algoritmos onipresentes, desenhados para controlar e ditar todos os aspectos da vida humana, mantendo uma vigilância digital total, 24/7, o tempo todo, de todas as atividades humanas, durante toda a existência mortal de cada um de nós.

Você leu corretamente: do berço até o caixão. Sem nenhuma pergunta feita.

Cuidadosamente planejado e testado ao longo dos últimos cinquenta anos, desde a introdução da internet nos anos 1990, esse massivo sistema de controle do comportamento humano, que poderia ser descrito apenas como uma penitenciária digital definitiva, tinha sido elaborado, construído e difundido pela ação conjunta de uma minúscula elite de magnatas das indústrias BigTech e seus principais arautos, o batalhão de mercenários conhecidos como Evangelistas Digitais. Esses sumos sacerdotes eram assessorados diretamente por quadros fanáticos e vocalmente estridentes, os chamados Guerrilheiros Digitais. Da mesma forma que outros exércitos anteriores, ao longo da história milenar da humanidade, as hordas de Sumos Sacerdotes Digitais alegavam saber melhor que qualquer um o que toda a humanidade deveria fazer com as suas vidas. Para os seguidores dessa última religião monoteísta a infectar os cérebros de imensas multidões de membros da espécie *Homo [not so] sapiens*, para salvar a humanidade de si mesma seria absolutamente essencial remover dos seres humanos a carga insuportável do pensamento crítico independente. O comportamento humano, sempre errático e impreciso, deveria ser colocado sob controle e moldado a se manifestar de forma homogênea e uniforme, do berço ao caixão, pelas estritas leis promulgadas por algoritmos digitais, criados para erradicar qualquer vestígio do livre-arbítrio de qualquer ser cérebro humano vivo. Ou morto, só para garantir.

Ainda mais delirante – se isso fosse possível – do que um famigerado magnata sul-africano que, logo depois de declarar falência, durante sua escapada rumo a Marte, e que quase se matara ao tentar usar um lançachamas dentro da sua aeronave espacial, Dr. Banker Terceiro acreditava piamente, até as profundezas dos seus ossos e carnes – constantemente acumuladas por generosas rações de frituras e outros pratos típicos da sua nativa Carolina do Norte –, que ele seria capaz de salvar o mundo dos seus piores inimigos: os quase nove bilhões de habitantes e a sua total incapacidade de tomar decisões racionais que garantissem um futuro próspero para toda a nossa espécie.

– Vamos subcontratar máquinas inteligentes para tudo – Dr. Banker Terceiro amava anunciar aos berros, durante suas aulas com estudantes

de pós-graduação, que mais pareciam cultos evangélicos realizados nos auditórios da Universidade da Duquesa. – Que venham a Inteligência Artificial e os robôs totalmente guiados por ela para decidirem todo o nosso futuro. Melhor seria nos rendermos de vez à infalível e incorruptível lógica precisa do código binário. O digital vai nos salvar, nós, pobres seres terrestres analógicos, fadados a cometer falhas grotescas, do nosso pior inimigo: nosso amaldiçoado e superestimado livre-arbítrio. Não podemos permitir que os nossos cérebros orgânicos ultrapassados continuem a destruir as nossas chances de sobrevivência; vamos deixar esse decadente hardware neuronal de segunda classe, construído aleatoriamente, ser substituído por reluzentes máquinas de Turing virtuais, construídas nos mínimos detalhes pelas maiores mentes que já existiram, distribuídas por toda a nuvem digital infinita, capazes, elas sim, de nos oferecer a esperança de um futuro totalmente previsível. Nunca mais viver imersos na incerteza deste nosso mundo medíocre. Tragam o Demônio de Laplace para ontem, servido numa bandeja de prata, e garanto que os portões do Paraíso da eterna felicidade serão escancarados e nunca mais se fecharão para nós.

Todo esse proselitismo acadêmico – devidamente financiado por doações de grandes corporações, vale ressaltar – era parte do passado. Agora, Dr. Banker Terceiro – não o Primeiro, porque este fora seu avô, outro banqueiro medíocre, como reza a tradição daquela família – tinha à sua disposição a mais avançada tecnologia digital disponível em todo o planeta, os supercomputadores mais velozes do Sistema Solar, os aplicativos de Inteligência Artificial mais sofisticados da galáxia e os mais complexos dispositivos robóticos jamais concebidos pela mente humana ou qualquer outra mente, diga-se de passagem, em todo o vasto Cosmos; tudo isso para que ele pudesse encontrar uma forma robusta e irrefutável de remover todas as decisões sobre o futuro dos cérebros e mentes dos seres humanos – pelo menos a vasta maioria deles – e conceder a um diminuto grupo de especialistas – pessoas como ele, seus colegas presidentes dos dez maiores Bancos Centrais do planeta – a oportunidade de colaborar, misturar e, no limite, fundir suas mentes criativas com a última geração

de software inteligente que lhes permitisse tomar as melhores decisões para guiar a humanidade na direção de um futuro cheio de oportunidades e crescimento.

Sim, crescimento, da versão infinita, de preferência.

E apenas os mesmos poucos escolhidos, que participaram da sua criação, e que são capazes de avaliar o que ele representa no balancete do final de cada trimestre, seriam convidados para desfrutar desse futuro!

Essa era a visão central, a proposta magna que o nosso Dr. Banker Terceiro trouxe para servir de guia no seu mandato à frente do BARI, na Basileia, Suíça. Ele queria ser lembrado como o diretor-geral que decisivamente moveu o sistema financeiro internacional para muito além do horizonte, de sorte a permitir que toda a humanidade pudesse testemunhar a última transação financeira feita pela mão ou voz humana. Ele usava esse lema metafórica e literalmente, dependendo da plateia à qual se dirigisse. O dia em que o futuro de todas as coisas que realmente importam cessará de ser decidido pelos sistemas políticos idiotas e instituições humanas arcaicas que a nossa espécie continua insistindo em promover e defender há quase cinco mil anos, apesar de todas as consequências catastróficas geradas, está próximo de amanhecer e se tornar realidade. Aquele era o momento apropriado, maduro para uma mudança, e o nosso Dr. Christian Abraham Banker Terceiro, em nome de Deus e do dólar, se é que são duas entidades distintas, certamente estaria surfando no topo da primeira onda desse verdadeiro tsunami.

Eu juro, ele realmente acreditava em tudo isso, piamente.

As pessoas pequenas e sem importância – na visão do nosso banqueiro – que se opunham a essa visão grandiosa de um “futuro sem futuro”, também conhecida como o Demônio de Laplace, em homenagem ao grande matemático e físico francês que primeiro defendeu a visão de que, se lhe fossem dadas a localização precisa e o momento de todos os átomos existentes no Universo, um indivíduo – neste caso, um demônio – seria capaz de prever o futuro, em qualquer escala de tempo até o infinito, usando as leis da mecânica newtoniana, sempre traziam à tona as mesmas objeções simplórias e obtusas, traduzidas por perguntas feitas ao nosso banqueiro pela imprensa.

– A taxa de desemprego alcançou 83,5% no ano passado. Esta é uma calamidade de proporções bíblicas. Bilhões de pessoas não têm um emprego real hoje em dia. Vocês, com suas políticas econômicas estapafúrdias, roubaram a dignidade desses seres humanos. O que o BARI vai fazer a respeito? – insistiam em perguntar os jornalistas na última vez que ele subiu ao mais alto pico dos Alpes suíços para o encontro anual da elite global que, entre champanhe e caviar, remoía soluções para que os mais pobres habitantes do planeta pudessem ser mais felizes enquanto ficavam, eventualmente, cada vez mais pobres. Tudo isso enquanto essa mesma elite tentava encontrar formas de vender às mesmas pobres almas a ideia de que ter um futuro escolhido por livre e espontânea vontade era algo extremamente indesejável, atrasado e devastador.

– Absurdo – Dr. Banker Terceiro gostava de bradar. – O BARI não fará absolutamente nada quanto a isso. Vejam, as pessoas sabem muito bem quanto tempo livre a mais elas têm para desenvolver o seu eu interno, a sua criatividade, ou mesmo para dedicar-se aos seus interesses intelectuais. Elas agora têm tempo para pintar, jogar futebol com seus filhos por quanto tempo quiserem, refletir sobre o verdadeiro significado da vida, enquanto comem menos e de forma mais saudável e vivem em casa populares mais baratas. Tudo isso enquanto os seus portfólios de investimento em ações crescem num ritmo alucinado. Vocês checaram o mercado de ações ultimamente? Está explodindo para fora dos gráficos. Todas as pessoas desempregadas, que, aliás, têm garantida uma renda mínima generosa, pagam pelo que restou dos governos federais, sorriem amplamente toda vez que checam a valorização dos seus fundos de pensão nos seus implantes retinianos de baixo custo. Elas estão surfando a onda do crescimento perpétuo e amando cada minuto. Esqueçam Marx e Keynes! Este é o momento de finalmente congelar todas as incertezas do futuro e desfrutar da total previsibilidade de um novo modo de vida: a era do risco zero.

Que grande arauto ele era, o nosso prezado Dr. Banker Terceiro.

Na medida em que Dr. Banker Terceiro – não o Quarto, pois este seria o seu filho ainda não nascido, *capisce?* – entretinha a visão cabalista de um “futuro sem futuro”, um amanhã totalmente previsível e controlável, ele

experimentava uma sensação de puro júbilo, sentida apenas por aqueles poucos – e eu enfatizo novamente – ou míseros poucos que, ao longo das páginas da história, percorreram, durante todos os dias de suas vidas, a tênue fronteira ocupada pelos construtores de distopias, sem qualquer tipo de vergonha ou remorso na mente.

E agora, no meio da sua habitual aura quase orgástica, ainda contemplando ávida e placidamente uma vez mais o relógio de Einstein na plataforma central da estação de trem da Basileia, o Dr. Banker Terceiro notou de soslaio, com o extremo esquerdo do seu implante da retina, que o seu chefe de gabinete, Dr. Wolfgang Hess, havia sorratamente adentrado o amplo escritório do diretor-geral do BARI, sem se anunciar, certamente para dar início à rotineira reunião das quatro da tarde.

Um perfeito aristocrata, de altura avantajada, ternos italianos impecáveis e maneiras absolutamente suíças – em todo o mau sentido –, o Dr. Hess era um poliglota, com grande experiência na área de estratégia de altas finanças internacionais, e extremamente bem-visto e respeitado nos círculos bancários de todo o planeta. De fato, a sua fama e a sua reputação eram tão altas que, entre outros fatos, pelos corredores do banco era costumeiro se ouvir a lenda de que o Dr. Hess provavelmente havia sido concebido e criado dentro do principal cofre subterrâneo de um banco suíço de grande reputação, às margens do lago Léman, em Genebra. Para o registro oficial, por razões que permanecem desconhecidas até hoje, Dr. Hess jamais negou ou desafiou a veracidade dessa pequena anedota a seu respeito. Na realidade, ele parecia sentir grande satisfação toda vez que algum novo funcionário repetia o rumor na sua presença.

– Que temos para hoje, meu prezado Wolfgang? O que está na sua agenda?

– Boa tarde, Dr. Banker. Muito bom saber que, mesmo depois de todos esses meses na Basileia, o senhor ainda não enjoou de observar o majestoso relógio da nossa estação de trem.

– Terceiro, por favor. Dr. Banker Terceiro, Wolfgang. Eu odeio ser confundido com meu pai ou meu avô, especialmente dentro do meu próprio escritório.

– Mil perdões. Eu certamente não me esquecerei desse importante detalhe na próxima vez. *Mea culpa! Mea maxima culpa!*

– Sem problemas, meu caro. O relógio da estação é exuberante! Não é à toa que Einstein viu nele a pista cabal para criar um Universo completamente novo. Eu não tenho a menor ideia do que trata a teoria da relatividade especial, mas qualquer um pode ver que, ao se olhar para este relógio magnífico, todos santo dia, por muitos anos a fio, e simplesmente rastrear os movimentos dos seus braços, especialmente aquele maiorzinho, qualquer indivíduo com três neurônios medianamente conectados poderia gerar algo grandioso. De qualquer forma, o que está acontecendo na nossa esfera azulada e caótica hoje, meu caro Wolfy?

– Senhor, na realidade, Einstein trabalhou no escritório de patentes que fica em Berna, não na Basileia. Ele se inspirou no relógio da estação central de Berna, e não neste aqui da nossa estação.

– Oh, verdade? Ops, entendi. Que ruim para o tal Einstein. Eu tenho certeza de que ele teria criado um Universo ainda melhor se tivesse se baseado no relógio da nossa estação de trem aqui da Basileia como modelo.

– Muito possivelmente. O senhor tem razão. Como sempre, aliás.

– Deixemos esse relógio idiota de lado. O que você tem para mim hoje?

– Bem, senhor, primeiramente, trouxe um copo da sua limonada suíça, preparada exatamente do jeito que o senhor mais gosta. Muito açúcar e uma porção extra de gelo.

– Muito bem, Wolfgang. Muito bem! Você é mesmo muito gentil. Eu me sinto quase emocionado pelo seu gesto. Realmente, tão tocado quanto qualquer banqueiro sem remorso, perdoe-me o pleonasma, é capaz de se sentir. Muito obrigado, meu rapaz. Huum, deliciosa e na temperatura perfeita: extragelada.

– De nada, Dr. Banker TERCEIRO.

– Nossa, agora soou muito bem, perfeito, Wolfy. Você realmente tem muito potencial nessa linha de trabalho. Lembre-se, um puxa-saco legítimo, deixe-me colocar em melhores termos, um bajulador genuíno sempre terá um futuro brilhante nas altas finanças. Acredite, entendo muito bem desse assunto, porque comecei muito cedo a tocar essa música com perfeição.

Agora, é minha obrigação transmitir todo o conhecimento acumulado e ensinar jovens ambiciosos, como você, a praticar essa arte de forma apropriada.

– Muito obrigado. Eu realmente aprecio ter o senhor como meu mentor nesta arte de desenvolver e aperfeiçoar a etiqueta adequada de comportamento no mundo das altas finanças.

– O prazer é todo meu, Wolfgang. Mas vamos direto aos negócios de hoje. Hum, que limonada suíça fantástica. Vamos em frente, pode mandar bala!

– Pois bem, uh, uh – respondeu ele, pigarreando. Desde a sua infância, alegadamente despendida num cofre subterrâneo de um banco em Genebra, o Dr. Wolfgang Hess tinha desenvolvido o hábito obsessivo-compulsivo de pigarrear toda vez que acreditava ter um anúncio de grande impacto a fazer diante de uma autoridade, não importando quão idiotas fossem tanto a autoridade quanto o anúncio. O tique sempre retirava metade da surpresa, sem mencionar boa parte do impacto do anúncio que se seguiria, mas, que diabos, a vida não é justa, não é? Todos nós sabemos disso.

– Meu Deus, este deve ser grande. – Enquanto lambia os beiços para saborear as últimas gotas da sua limonada favorita, o Dr. Banker Terceiro fingiu estar surpreso, apenas para manter o clima de suspense que se instalou no seu amplo escritório. – Esta é a maior limpeza de laringe que você executou em muito tempo, Wolfgang. Pode ir em frente! Eu sou todo ouvidos, meu rapaz.

– Perfeitamente. O senhor lembra, alguns meses atrás, durante um dos mais agitados dos nossos jantares do Comitê de Assessoria Econômica, quando o chefe do subcomitê de Desenvolvimento de Tecnologia de Ponta manifestou a necessidade de o BARI introduzir novos métodos e técnicas de criptografia? A proposta visava melhorar sensivelmente os nossos protocolos de segurança atuais, de sorte a proteger as decisões do BARI e, por tabela, eliminar qualquer chance que qualquer ser humano, fora os membros seletos do banco, tivesse de hackear informações ou ordens sigilosas tomadas pelo nosso Conselho ou pelo senhor.

– Claro que lembro. Se não me engano, foi o nosso colega do Banco Central Brasileiro, naquele momento servindo como chefe do subcomitê de busca de novas técnicas supostamente legais de realizar lavagem de dinheiro e extorsão, que levantou toda sorte de questionamentos sobre

como potenciais vazamentos dos negócios do BARI poderiam ser desastrosos e levar os mercados globais ao caos em poucos nanossegundos.

– Picossegundos, senhor. Mas, como sempre, o senhor cutucou o nervo e de bico!

– Nano, pico, tudo isso soa bem minúsculo para um banqueiro de porte, você não acha, Wolfgang?

– Precisamente. Muito diminuto para se notar a diferença num balanete trimestral. De qualquer forma, desde aquela reunião, a nossa divisão de desenvolvimento tecnológico trabalhou muito diligentemente para atacar esse problema. Eles acreditam ter chegado a uma solução ideal para o gigantesco desafio de produzir uma criptografia completamente inexpugnável. E devo dizer que, depois de testá-la eu mesmo, concordo totalmente com a conclusão deles.

– Eles realmente acreditam que chegaram lá? E você concorda? Isso é surpreendente, Wolfgang. Desde que cheguei aqui, não me lembro de você ter concordado ou apoiado nada vindo dos nossos *tech boys*. Aliás, você sempre insistiu que eles não estavam à altura do estado da arte do mundo tecnológico, que não eram criativos o suficiente, que não conseguiam dar conta do crescimento e diversidade de inovação dos hackers da Coreia do Norte, ou dos hackers da Rússia, ou mesmo dos hackers paquistaneses. Pelo amor do Criador, você afirmou categoricamente que eles não conseguiriam nem lidar com os hackers argentinos! Pelo amor dos meus filhinhos, nem dos hackers argentinos! Estou correto na minha breve recapitulação da sua avaliação dos nossos *geeks*?

– Totalmente. O senhor está 100% na marca. Acontece que os nossos rapazes, depois de escutar atentamente as minhas críticas construtivas e os comentários voltados para aumentar a sua autoestima, decidiram inovar de forma significativa nos métodos de mineração de dados usados na nossa divisão. Eles começaram a pensar fora da caixa e, finalmente, decidiram fazer o que a maioria das *startups* e grandes empresas de sucesso geralmente fazem para inovar de fato no mundo *high tech* nos dias de hoje.

– Verdade? Maravilhoso! Adorei. Isso soa como o velho *american way* de fazer negócios. Ir atrás dos caras. Sobrepujá-los de forma inteligente,

usando da imbatível astúcia anglo-saxã. Mas agora você me deixou extremamente curioso. Rapaz, olhe para este relógio! De qualquer forma, o que eles fizeram para alterar os maus hábitos, abrir suas mentes e corações e alcançar este verdadeiro *breakthrough*, este sucesso tremendo, um feito quase ininteligível, de tão espetacular, em tão pouco tempo?

– Eles roubaram – respondeu Wolfgang.

– O quê?

– Bem, senhor, eles simplesmente foram à luta, nos vastos domínios do *cyberspace*, e fizeram aquilo que todo mundo faz nos dias atuais: roubaram algo realmente revolucionário, tão fora da caixa que nem mesmo os verdadeiros inventores desta tecnologia acreditariam em quão eficientes os nossos rapazes provaram ser.

– Perfeitamente. Eu posso ver agora. Muito engenhoso da parte deles. É preciso dar crédito a quem merece.

– Sem dúvida. O destino às vezes é tão irônico.

– Por que você diz isso, Wolfgang?

– Porque os nossos *geeks* roubaram a tecnologia de uma ex-colega sua da Universidade da Duquesa, em Persépolis, Carolina do Norte. Evidentemente, ela não sabe disso ainda. O nome da neurocientista em questão é Dra. Tosca Cohen.

– Você está brincando comigo? Esta é uma enorme coincidência. Mas nós vamos conseguir superar os detalhes, os *tech geeks*, e chegar no *grand finale* da sua narrativa antes que o relógio marque quatro e meia? O que exatamente os nossos meninos roubaram, Wolfgang?

– O inventor original desta tecnologia a batizou de Brainet.

– Inacreditável! Pelo nome de Jesus! Eu sei exatamente quem é o pobre bastardo que inventou este barato. Que Deus me perdoe, ele era um professor titular, muito conhecido no campus, do velho departamento de neurobiologia, o mesmo que colapsou depois da contratação de um novo chefe da Costa Oeste dos EUA. Um total imbecil. No primeiro dia que eu vi este novo chefe de departamento eu disse para mim mesmo: nós contratamos um idiota.

– De qualquer forma, as ideias deste professor não foram esquecidas. Uma das suas estudantes, Tosca Cohen, continuou trabalhando no tema e realizou

grandes melhorias no conceito e na tecnologia utilizada para se criar uma Brainet funcional. O nosso pessoal simplesmente se apaixonou por estas melhorias quando hackeou o laboratório dela na universidade uma noite, usando o seu velho cartão de identidade, Dr. Banker Terceiro.

– O meu velho cartão de ID, tido como inexpugnável e inviolável pelo departamento de segurança cibernética da universidade? Pelo menos era disso que o “pediatra” encarregado deste departamento na Duquesa gostava de se gabar nas reuniões dos professores. Que ironia mais impressionante, não, Wolfgang?

– Totalmente. Os nossos rapazes gostaram tanto disso que decidiram roubar tudo que ela tinha estocado na nuvem da universidade, o mais rapidamente possível. Depois, contrataram um grupo de engenheiros indianos, os melhores do mercado, para serem consultores, e este é o resultado de todo esse esforço espetacular de globalização científica: a primeira Brainet do BARI.

Ao terminar a última sentença, o Dr. Wolfgang Hess depositou sobre a mesa supercondutora flutuante, logo em frente do Dr. Banker Terceiro, uma pequena caixa branca, normalmente usada para empacotar uma marca muito famosa de chocolate suíço.

– Só isso? Pensei que você havia dito que este barato era a base da maior evolução na história da criptografia bancária; a engenhoca que não somente iria garantir, mas também expandir, múltiplas vezes, o nosso monopólio nas decisões financeiras que afetam a totalidade da humanidade em todo o globo. Tudo isso numa embalagem de bombom?

– Precisamente, Dr. Banker Terceiro.

Com uma expressão de poucos amigos e descrédito profundo, o Dr. Banker Terceiro lentamente abriu a embalagem.

– Um pedaço de fita adesiva transparente? É só isso?

– Mas não é um pedaço de fita qualquer.

– Que tipo de fita é esse?

– O senhor está diante da primeira interface cérebro-máquina contendo vários petacanaís de comunicação, todos incluídos no circuito impresso nesta fita transparente. Isso significa algo em torno de 10^{45} sensores e

estimuladores eletromagnéticos de duas vias, empacotados num único artefato, incluindo todos os amplificadores, filtros, baterias, e uma linha de 10G para conexão sem fio. Basicamente, tudo que é necessário, em teoria, para ler a atividade elétrica cerebral na sua quase totalidade, possibilitando a entrega de mensagens eletromagnéticas diretamente ao córtex do usuário, bem como em estruturas profundas, como o tálamo e o hipotálamo.

– Hipo o quê? Do que você está falando? Sou um banqueiro, não um “engenheiro de foguetes”, Wolfgang.

– Dr. Baker Terceiro, não se trata de foguetes. Estou me referindo a aspectos de ponta da neurociência e neurotecnologia, para ser preciso.

– Tudo soa como grego para mim, meu caro.

– Bom, eles dizem no nosso laboratório que um segundo dentro de uma Brainet diz mais sobre ela do que milhões de palavras. O senhor gostaria de testar a veracidade dessa avaliação?

– Claro, evidentemente. Mas como se usa esse troço? De onde vem a eletricidade para ligá-lo?

– O senhor só precisa aplicar a fita na pele da sua testa. Ela é ultraleve, menos de dez gramas. Depois, basta esperar alguns segundos para que ela passe a funcionar. Veja bem, ela usa o calor contido no suor produzido pelas glândulas sudoríparas como fonte de energia para os seus circuitos nanoeletrônicos.

– Eu pensei que eram pico.

– Não, ainda estamos no nível nano neste dispositivo. Mas estamos progredindo rapidamente. Os nossos rapazes realmente gostaram dessa nova estratégia de pesquisa e desenvolvimento.

– Você quer dizer que eles aprenderam a gostar de roubar ideias de outras pessoas, é isso?

– Basicamente.

– Eu sabia. Então, estamos diante de uma grande oportunidade para recrutar alguns banqueiros iniciantes com grande potencial.

– Sem dúvida! Vamos tentar a sua primeira viagem pela Brainet, Dr. Baker Terceiro?

– Pode apostar que sim, meu caro. Nos meus tempos de aluno de graduação da Universidade da Duquesa, dos quais eu mal me lembro, a propósito, sempre fui um pioneiro em experimentos envolvendo o teste de toda sorte de substâncias, orgânicas e inorgânicas, animais, vegetais, ou minerais, se você entende o que quero dizer.

Nessa altura da sua confissão, o Dr. Banker Terceiro, o executivo-chefe do BARI e o banqueiro mais poderoso da Terra, deu uma piscadinha para seu chefe de gabinete suíço, Dr. Wolfgang Hess, nascido e criado num cofre subterrâneo – pelo menos de acordo com a mitologia vigente –, que, evidentemente, fingiu não ter ouvido ou visto absolutamente nada fora do ordinário.

– Por favor, aplique a fita na sua testa cuidadosamente, relaxe na sua maravilhosa cadeira flutuante, e dê alguns segundos para que a fita se aqueça e ligue seus circuitos.

– Isso é bem fácil. Ok, aqui vamos nós. Quem poderia ter imaginado que eu hoje testaria uma nova tecnologia roubada justamente da minha *alma mater* acadêmica?

Alguns segundos se passaram em total silêncio. E nada realmente digno de relato transcorreu.

– Wolfgang, lamento lhe informar, mas os nossos rapazes devem ter roubado por engano uma versão falsificada desta Brainet. Nada está acontecendo, meu amigo.

– Só um pouco mais de paciência, por favor. Os circuitos da fita ainda devem estar se aquecendo, e as baterias, sendo carregadas.

– Estou com a impressão de que os *geeks* do departamento de ciência o enganaram, meu rapaz. Nada está aconteceeeeeeendo... Arghhhh... Pelo amor de Jesus Cristo... Que diabos está acontecendo comigo?

– Como? O que está acontecendo com o senhor exatamente? Me diga. O que o senhor está sentindo?

– Escuto vozes, um monte de vozes, todas falando ao mesmo tempo dentro da minha cabeça. Meu Deus, algumas estão gritando e chorando, muitas pessoas falando, todas ao mesmo tempo. Uma mulher está procurando pelo gato de estimação que ela perdeu. Um homem está assistindo a um vídeo pornô em algum lugar. Que *cazzo* é isso? Estou sentindo o sol

queimando a pele de um garoto em Túnis. Eu consigo sentir os cheiros e sabores de um pato de Pequim sendo devorado em Xangai, uma pizza italiana sendo consumida em Nova York, sushi sendo engolido num restaurante japonês em São Paulo. Do nada, estou aprendendo os fundamentos da geometria não euclidiana proposta por Riemann sem fazer nenhum esforço para isso. Tudo isso, acredite se puder, acontecendo ao mesmo tempo. O que você está fazendo comigo, Wolfgang?

– O que mais? Por favor, diga-me, Dr. Banker Terceiro. O que mais o senhor está experimentando?

– Emoções, sentimentos de todas as formas, amor, dor, doçura, ódio, como eu nunca, jamais experimentei em toda a minha vida. Estou sendo envolvido por uma profunda emoção de pertencer a algo muito maior do que a minha própria consciência. As vozes estão se acalmando agora, para me dar boas-vindas. Quem são essas pessoas? Elas estão todas dizendo “alô”, em várias línguas, todas em perfeita sincronia. Estão agora me pedindo para pensar sobre a minha vida de forma a poderem me conhecer melhor. Meu Deus, estou sentindo me tocarem. Algumas dessas pessoas estão me beijando, me abraçando. Elas, elas, elas estão... Jesus amado... Estão lendo a minha mente! Você aí, pare com esta bisbilhotice, deixe as minhas memórias em paz, eu não dei permissão para essa invasão. Parem!

– Bem-vindo à Brainet, Dr. Banker Terceiro. Agora o senhor é um de nós. – Wolfgang era todo sorrisos.

– O que, pelo nome de Deus, é tudo isso, Wolfgang? Espere um pouco, uma nova voz se juntou a nós todos, neste preciso momento. Ele está se apresentando e é bem formal, com voz clara e bem audível. Mas está agitado. Tremendo. Consigo experimentar a ansiedade e a angústia que esse homem está sentindo como se elas fossem minhas.

– O que ele está dizendo para o senhor?

– Ele parece ser totalmente maluco. Está falando de algo absurdo e incompreensível.

– O que exatamente ele está dizendo? Tente se concentrar. Tente ouvir com o cérebro, e não com os ouvidos. Tente se fundir com a mente dele e virar uma mente só.

– Ok, estou tentando. Eu estou tentando. Consigo ouvi-lo melhor agora. O nome dele é, deixe-me ver, Carlos Jimenez Rivera. Ele está transmitindo uma mensagem da região norte do Chile. É um cientista, aparentemente, perdido no meio do nada, no deserto do Atacama. Jesus amado, o que diabos ele está fazendo no meio do deserto?

– Fascinante! E o que ele está dizendo?

– Nada coerente ou compreensível. Nada que faça sentido para mim, pelo menos. Mas as outras pessoas estão ouvindo atentamente. Eu posso sentir que a maioria está bem agitada, não, quero dizer, nervosa. Isso mesmo, eles estão extremamente alarmados com o que o cientista está dizendo. Espere um pouco, agora estão todos realmente se sentindo apavorados. Muitos totalmente desesperados neste momento.

– Por que estão apavorados e com medo? O que eles temem?

– Não tenho a menor ideia. Mas o medo está crescendo rapidamente entre todos. Eu consigo sentir esse sentimento invadir o meu corpo e tomar conta de todos os meus ossos. Veja você mesmo, estou tremendo de pavor neste momento. Mas não sei precisar a causa deste medo estarrecedor. Agora estou suando frio. Eu realmente estou apavorado, como eles.

– Ouça, ouça cuidadosamente.

– Ok, estou tentando, da melhor maneira possível. Estou tentando focar na voz dele apenas. Funcionou. Eu consigo ouvir melhor agora. As outras vozes estão se calando. Todos querem ouvi-lo.

– Sim, me diga o que ele está dizendo.

– O cara não para de repetir a mesma frase continuamente. Ele parece ser um total maluco. Celerado.

– Que tipo de cientista ele alega ser?

– Não me pergunte. Eu sou apenas um professor de economia medíocre, herdeiro de uma família de banqueiros tão medíocres como eu, que foi transformado num executivo de altas finanças por uma sequência aleatória de eventos, nascido e criado em Persépolis, Carolina do Norte. Espere um minuto. Alguma coisa está acontecendo.

– O que, agora?

– Todos estão totalmente em silêncio. Todos totalmente mudos. Sinto que querem chorar. Querem soluçar e chorar até que seus olhos não consigam mais produzir lágrimas.

– O que foi que ele disse que fez com que todos se calassem e quisessem chorar tão desesperadamente? O que ele falou, Dr. Banker Terceiro?

– Eu realmente não entendo. Eu realmente não consigo compreender.

– O quê? Me diga!

– Isso não faz nenhum sentido, de forma alguma.

– Pelo amor da Virgem Maria, o que ele está dizendo?

– Ele acabou de dizer: “Vai ser muito pior que 1859!”.

 Planeta minotauro